

TRIBUNA

A Academia de Medicina de São Paulo está completando 120 anos e o faz com uma grande comemoração à qual se agrega a posse da nova diretoria para o biênio 2015-2016. Eis algumas das manifestações de dois ex-presidentes e de um acadêmico, membro da nova diretoria, que vêm ilustrar esse momento tão emblemático.

Guido Arturo Palomba
Acadêmico emérito titular da Cadeira 1
Ex-presidente da Academia de Medicina de São Paulo

CENTO E VINTE ANOS DE TRADIÇÃO

Tudo começou com Luiz Pereira Barreto, médico e líder político de sua época, à última década do século 19. Em consequência de seus inúmeros méritos, foi eleito Constituinte Estadual em 1891 e presidente da Assembleia Constituinte. Posteriormente, presidente do Senado Estadual. Como fizesse parte da oposição, sofria acerbas críticas. A bem ver, essas atingiam não somente Pereira Barreto, mas vários médicos ilustres, que combatiam as autoridades constituídas e suas formas de lidar com a saúde da população.

Assim, da premente necessidade da união dos médicos, nasceria a primeira agremiação médica paulista. Capitaneados pelo líder Pereira Barreto, reuniram-se, pela primeira vez, em *petit comité*, em 24 de fevereiro de 1895, à rua São Bento, 23, consultório de um dos próceres, quando ficou avençado que a fundação se daria no dia 7 de março, em grande estilo, sob o nome de Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo.

O fato se deu no dia marcado, em torno de um importante banquete, cuja solenidade se iniciou às 19h15, no Club Germânia, com mesa disposta em forma de U, para 90 talheres. O menu, organizado pela Rotisserie Sportsman, compunha-se de vários pratos e bebidas como champanhe, vinhos, licores e café. Havia um conjunto musical a animar o evento, que se encerrou à 00h20, ao som do hino nacional.

Criada a pioneira entidade médica, com número limitado de vagas, logo nas primeiras reuniões observava-se que os seus membros estavam motivados a fazer da pioneira agremiação um polo de debates voltado para o desenvolvimento da medicina.

E assim foi o que ocorreu nos primeiros anos. Curioso notar que um dos assuntos que ocupou espaço, em várias reuniões do final do século 19, foi o “mal do engasgo” (megaesôfago dos dias atuais), com calorosas discussões.

Nas duas primeiras décadas do século 20, além das reuniões em torno de temas epidemiológicos, clínicos e cirúrgicos, eram discutidos os meios necessários para se implantar a Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, o que de fato ocorreu em 1913. Seu criador, Arnaldo Vieira de Carvalho, presidiu a Sociedade de Medicina em 1906-1907.

Em 15 de abril de 1920, durante a presidência de Luiz de Rezende Puech, foram aprovados o selo e o emblema da Sociedade, criados por Ramos de Azevedo e executados por Domiciano Rossi.

Na década de 1930, havia muitos médicos que não podiam ser membros da entidade, não por falta de méritos, mas em face das vagas limitadas, que somente se abriam no caso de morte de titular. Assim, todos irmanados no mesmo propósito, resolveram fundar outra agremiação, a qual não tivesse número limitado de participantes, que o caráter ilibado do candidato fosse o único requisito indispensável para adentrar. Então, ocorreu, em 29 de novembro de 1930, a criação da Associação Paulista de Medicina, que este ano completa 85 anos de glórias.

Na década de 1940, a Sociedade de Medicina preocupava-se em instruir as autoridades sobre os vários problemas de saúde pública, por exemplo, a redução da gordura no leite e a importância de sua pasteurização, entre outros temas.

Porém, foi na década de 1950, mais precisamente em 7 de março de 1954, em sessão solene, que se deu a mudança de nome, de Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo para Academia de Medicina de São Paulo. A bem ver, desde a sua fundação já funcionava nos moldes de academia, com restrito número de cadeiras, com patronos e abertura de vagas somente em caso de falecimento do titular. Para preenchê-las, tal como nas academias, havia necessidade de concurso de títulos e aprovação de trabalho inédito do candidato. Ou seja, era uma academia com nome de sociedade.

Na sessão em que se deu a votação da mudança de nome, Eurico Branco Ribeiro, então presidente da entidade, observou:

“Por deliberação da grande maioria da Assembleia Geral da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, de 7 de março de 1954, que é constituída por 120 membros titulares e eméritos, que ali ingressaram por meio de concurso de trabalho inédito e títulos, acaba de ser a veterana entidade científica de São Paulo promovida à categoria de Academia de Medicina de São Paulo. O certo é que a veterana Sociedade, agora Academia, vai passar por uma fase de grande interesse no seio da nossa classe médica, porquanto a maioria almejará, como coroamento de sua vida profissional, ingresso no seio de tão importante sodalício científico. Teremos daqui em diante, na disputa das vagas em concurso, verdadeiras competições médicas.” (Anaes Paulista de Medicina, junho de 1954, nº 6, pág. 454.)

Com a passagem de Sociedade para Academia, manteve-se o brasão, que veio a ser circundado pelo novo nome. Praticamente não houve mudanças radicais em seus fundamentos. As reuniões científicas ocorriam com a mesma periodicidade e grandes nomes da medicina, nacionais e internacionais, foram convidados para ministrar palestras do mais alto interesse coletivo.

Porém, na década de 1960, até o final do século 20, inicia-se o ciclo pouco virtuoso de sua história, que começa com a modificação radical do Estatuto (2 de junho de 1961), o qual passa, em intervalos curtos de tempo, a receber apêndices e novas reformas, nas quais vão sendo introduzidos métodos pouco rígidos de admissão de novos membros, além do aumento do número de vagas (chegou-se a 250), da criação de novas categorias de acadêmicos, entre outros vários e graves problemas.

Diante dos acontecimentos daí decorrentes, no final dos anos 1990 formaram-se dois grupos, um que desejava manter o *status quo*, outro a pedir mudanças, até que, finalmente, em 12 de novembro de 2004, depois de muito trabalho e dedicação ingente, aprovou-se, em Assembleia Geral Extraordinária, o Estatuto Moderno da Academia de Medicina de São Paulo, restabelecendo-se o sonho de seus fundadores e o equilíbrio entre os interesses da Academia e as garantias que os seus membros devem ter.

E, hoje, com todas as suas colunas e arquivadas em perfeita ordem, completa 120 anos de existência, a marchar rumo às vindouras gerações.

Parabéns à Academia de Medicina de São Paulo e os cumprimentos àqueles que, abnegadamente, trabalharam para lustrar o seu brasão, de modo especial, aos acadêmicos Celso Carlos de Campos Guerra, Samuel Atlas e José Pompeu Tomanik (*in memoriam*), Rui Telles Pereira, José Roberto de Souza Baratella, Luiz Celso Matosinho França, Luiz Fernando Pinheiro Franco, Arary da Cruz Tiriba, José Luiz Gomes do Amaral e Affonso Renato Meira.